

**JÓ E A TEOLOGIA DA RETRIBUIÇÃO:  
O SOFRIMENTO COMO PORTA PARA UM NOVO HORIZONTE DA FÉ**

**JÓ Y LA TEOLOGÍA DE LA RETRIBUCIÓN:  
EL SOFRIMIENTO COMO PUERTO PARA UN NUEVO HORIZONTE DE LA FE**

Leonardo Envall Diekmann <sup>1</sup>

**RESUMO**

A discussão sobre o sofrimento do inocente e a relação com a teologia da retribuição sempre é algo atual, já que esta atravessa o tempo e o espaço, chegando até nossos dias, e estabelecendo raízes no imaginário popular. O sofrimento de Jó inquieta e desperta um questionamento quanto a validade de uma teologia baseada na lógica da causa e do efeito, onde a religião torna-se instrumento de dominação social em benefício da manutenção de um *status quo* de uma minoria. Ao mesmo tempo que questiona a validade de tal teologia, a reflexão presente no livro de Jó gesta em si um novo horizonte da fé, baseado não mais no medo de Deus, mas na certeza da gratuidade de seu amor.

**Palavras-chave:** gratuidade; justiça; lei; pobreza;

**RESUMO**

La discusión sobre el sufrimiento del inocente y la relación con la teología de la retribución siempre es algo actual, ya que ésta atraviesa el tiempo y el espacio, llegando hasta nuestros días, y estableciendo raíces en el imaginario popular. El sufrimiento de Job inquieta y despierta un cuestionamiento en cuanto a la validez de una teología basada en la lógica de la causa y del efecto, donde la religión se convierte en instrumento de dominación social en beneficio del mantenimiento de un *status quo* de una minoría. Al mismo tiempo que cuestiona la validez de tal teología, la reflexión presente en el libro de Job gesta en sí un nuevo horizonte de la fe, basado no más en el miedo de Dios, sino en la certeza de la gratuidad de su amor.

**Palabras-clave:** gratuidad; justicia; ley; pobreza;

## 1 INTRODUÇÃO

Por Teologia compreendemos o estudo ou a linguagem sobre Deus. “Na Bíblia, Deus se nos apresenta como um mistério. Todas as palavras que podemos usar para conceituar Deus são insuficientes para descrevê-lo. Tomás de Aquino certa vez disse que a respeito de Deus não podemos saber o que Ele é, mas sim o que Ele não é. Trata-se de um esforço em pensar o mistério, pois este não constitui um segredo, mas é antes de tudo algo a ser comunicado. Nós, seres humanos, por nossos méritos e capacidades não reunimos, em nossa finitude, as condições necessárias para acessar este Deus. Porém, Ele, por livre e espontânea vontade, de forma gratuita se dá a conhecer ao longo da história. Por vezes, pode-se pensar que os primeiros aos quais Ele se manifesta sejam os sábios e entendedores, mas rompendo com a lógica humana, Ele se manifesta primeiramente aos pequeninos, as pessoas simples (cf. Mt 11,25-26).

Para as pessoas simples, não aos doutores da Lei, sumos sacerdotes e escribas, que estão sentados na cátedra de Moisés (cf. Mt 23,2) e fazem uso das chaves do poder (cf. Lc 11,52), é que o Senhor se revela. Famintos, miseráveis, pecadores e doentes, crianças, viúvas, estrangeiros e órfãos, mulheres e ovelhas sem pastor (cf. Lc 6,21s; Mt 9,12-13; Mt 9,36; Mt 18,1-4), estes são os primeiros com os quais o Senhor se preocupa. Com isso queremos dizer que Deus não faz predileção ou distinção. Porém, sua atenção está voltada, primeiramente, para aqueles que sofrem. Assim, no presente trabalho, busca-se falar de Deus a partir de uma situação limite, o sofrimento do inocente.

Tomando por base o livro de Jó, enquanto literatura sapiencial, o presente trabalho refletirá sobre o sofrimento de Jó e sua relação com a Teologia da Retribuição, apontando para a realidade concreta na qual se estrutura a vida do povo e, como a Teologia da Retribuição condicionou o pensar e agir humano no contexto em que o livro de Jó foi escrito, estendendo-se até nossos dias. Para tanto, o presente trabalho realiza uma retomada do contexto no qual o texto foi escrito, estabelecendo um breve diálogo com outros livros bíblicos. Posteriormente, analisa-se como a Teologia da Retribuição é inserida na cultura do povo de Israel e a forma como esta interfere diretamente na relação entre o povo e seu Deus, Yahweh, justificando inúmeras situações de desigualdade e sofrimento. A reflexão avança e adentra na história de Jó, observando a relação existente entre a vida e sofrimento de Jó com a realidade vivida por Israel, o conflito vivenciado por Jó consigo mesmo, com Satanás e com seus amigos, até chegar a um amadurecimento de sua fé, numa nova compreensão da razão do sofrimento humano e da manifestação de Yahweh, não mais como o juiz altíssimo, postulado pelo dogma da retribuição, mas como o Deus da gratuidade.

## 2 CONTEXTO HISTÓRICO

Possivelmente resultado de uma construção histórica da realidade social vivenciada não por um personagem específico, mas representando o contexto vivenciado pela sociedade da época, o livro de Jó<sup>2</sup> chama a reflexão quanto a imagem de Deus vigente, bem como a teologia que se instaurou em torno de tal compreensão. Datado de meados de 500-350 a.C. num contexto onde a teologia do sistema do templo exercia poder e forte influência sobre as pessoas, segundo a lógica do puro e do impuro, o livro de Jó estabelece um “rompimento dos limites da Lei, o menosprezo das fronteiras da pureza e impureza” (DIETRICH, 1991, p. 33).

A história se desenvolve no contexto de dominação do Império Persa, período este de grande exploração social e econômica do povo que retornou do exílio da Babilônia. Este povo desapropriado de suas terras, “tornaram-se trabalhadores assalariados, semi-escravizados e mesmo escravizados” (DIETRICH, 1991, p. 35). Os altos tributos a serem pagos ao Império Persa constituiu o principal fator de empobrecimento da sociedade, sobretudo dos camponeses. As propriedades haviam sido pensadas de tal modo que gerassem uma produção equivalente a necessária para a subsistência de cada família. Porém, com a imposição do pagamento de altos tributos ao Estado persa, a fim de obter o dinheiro necessário, cada família tinha que “dirigir sua produção para o mercado comercial e não para a sua subsistência. [...] Quem vendia recebia poucas moedas por muito produto, e quem comprava no mercado recebia muitos produtos por poucas moedas” (DIETRICH, 1991, p. 36).

Neste contexto, as desigualdades sociais aumentam gradativamente. O livro de Neemias apresenta bem esta realidade vivenciada pelo povo:

Somos obrigados [judeus] a penhorar nossos filhos e nossas filhas, para recebermos trigo para podermos comer e sobreviver. [...] Temos que empenhorar nossos campos, vinhas para recebermos trigo durante a penúria. [...] Tivemos que tomar dinheiro emprestado para pagarmos o tributo do rei; ora temos a mesma carne que nossos irmãos e nossos filhos são como os deles, no entanto temos que entregar a escravidão os nossos filhos e filhas. [...] Não podemos fazer nada, porque nossos campos e nossas vinhas já pertencem a outros (Ne 5,2-5).

---

<sup>2</sup> Os questionamentos presentes no livro de Jó não são uma particularidade de Israel. “O tema do justo que é provado e sofre, apesar de inocente, é um tema comum tanto no Oriente como no Ocidente, e extrapola o tempo” (STORNILO, 1991, p. 8). Assim, a literatura presente no livro de Jó pode ser dividida em duas partes: 1) de um lado há um texto em prosa (Jó 1-2; 42,7-17), apresentando a imagem de Jó em uma forma mais paciente frente ao sofrimento e a realidade enfrentada; 2) de outro lado temos uma redação em poesia (Jó 3,1-42,6), marcada por apresentar a face de um Jó rebelde, revoltado e indignado com a situação vivenciada. Estudos afirmam que os textos datam de períodos distintos, sendo que o primeiro texto, escrito em prosa seja mais antigo, herança do Antigo Oriente Médio.

A miserabilidade do povo é tamanha que os obriga a entregar os próprios filhos a fim de obter alimento. Abrir mão da descendência por algumas migalhas, entregar a terra, as vinhas, ou seja, entregar o futuro, a vida a esperança para não sofrer ainda mais. “A injustiça se torna ainda mais flagrante quando os pobres carecem de tudo, que sofrem de fome e sede, trabalham produzindo para outros os alimentos que eles não podem conseguir” (GUTIÉRREZ, 1987, p. 69). O direito à vida não é respeitado. Assim, “o livro de Jó surge dentro deste panorama de crise agrária” (DIETRICH, 1991, p. 36). A situação discorre, chegando a exigência de atitudes extremas, tais como a venda do camponês judeu falido ao estrangeiro.

O questionamento que Jó se faz quanto a validade desta teologia retributiva, perguntando-se o que há de errado, constitui a pergunta de Israel frente a esta situação vivenciada. Após o retorno do exílio o grande Israel viu-se empobrecido, assim como Jó, enfraquecido e doente. “Neste estado de total abandono e endividados pelos impostos altíssimos devido aos conquistadores persas e a ricos comerciantes, surgiram questionamentos” (OLIVEIRA, 2006, p. 27). Onde está Yahweh? O que foi feito de suas promessas? Para quê servi-lo afinal? Que fé é essa, a qual acaba esmagada pelo poder opressor dos inimigos? Que Deus é este ao qual deixa seu povo ser derrotado por pagãos? (cf. Sl 73;79; Jr 2,5-8). Israel precisa reconstruir sua vida, refletir sua fé a partir de uma nova teologia, a qual viesse a explicar o porquê de tanto sofrimento. Ganha força, dessa forma, a Teologia da Retribuição.

“[...] Foi o drama destes judeus que não são mais proprietários de terra, que são meeiros, arrendatários, assalariados, escravos ou biscateiros que inspirou e deu vida ao livro de Jó” (DIETRICH, 1991, p. 37). No transcorrer da narrativa do livro, por inúmeras vezes Jó descreve as necessidades e o sofrimento enfrentado pelo povo. Justamente por não apenas se sensibilizar, mas enfrentar a realidade vivenciada pelo povo, sob o julgo da Lei e o fardo da dominação estrangeira, Jó irá questionar a teologia vigente na época e a imagem de Deus que era transmitida ao povo, a partir da realidade dos camponeses, dos sofridos, dos empobrecidos. Porém, na pessoa Jó estão representados não apenas os camponeses que perderam suas terras, liberdade e autonomia, mas todos os trabalhadores que tem consciência da situação enfrentada. E “esta consciência lhe dá força, coragem e argumentos para enfrentar o Deus estabelecido [...] negando que sua pobreza é resultado do pecado” (DIETRICH, 1991, p. 38).

Enquanto construção literária, “o livro de Jó [...] não pode ter sido redigido a não ser por alguém que padeceu em sua carne e seu espírito. [...] É uma obra umedecida pelas lágrimas e encandecida pelo sangue” (GUTIÉRREZ, 1987, p. 44). A fé expressa na pessoa de Jó é símbolo de comunhão com o sofrimento humano de alguém que acolhe e vivencia a dor de

tantos que são chamados pecadores. O livro debruça-se sobre a situação humana mais difícil, a dor física e moral, que gera a miséria, a pobreza e a exclusão social. “Trata-se de uma pobreza que não é fruto do destino ou de causas inexplicáveis. [...] É um estado de coisas provocado pela maldade de alguns que exploram e despojam o pobre” (GUTIÉRREZ, 1987, p. 68), fato este perceptível diretamente na vida cotidiana.

“Onde está Deus no meio de tudo isto? Não vai fazer caso da súplica dos pobres?” (GUTIÉRREZ, 1987, p. 69). Como anunciar um Reino de amor e justiça em meio a uma realidade onde centenas padecem na dor física e moral? Que compreensão de Deus é esta que legitima a realidade de sofrimento e acentua situações de desigualdade e contradições, na qual Deus abençoa uns e amaldiçoa outros, dando fartura e felicidade a alguns enquanto outros se consomem em meio a dor, ao sofrimento e a pobreza? Qual a finalidade de uma teologia que afirma as bênçãos de Deus aos justos e sua ira aos injustos, diante de uma realidade que evidencia justamente o oposto? “Invejei os arrogantes, vendo a prosperidade dos ímpios. Para eles não existem tormentos, sua aparência é sadia e robusta, a fadiga dos mortais não os atinge, não são molestados como os outros. [...] Eis que os ímpios são assim, e, sempre tranquilos, ajuntam riquezas” (Sl 73,3-5.12).

### **3 A TEOLOGIA DA RETRIBUIÇÃO**

A confiança e a crença na justiça divina sempre esteve presente no imaginário popular dos diferentes povos, em diferentes épocas históricas, nos mais variados contextos. Trata-se de algo próprio da tradição milenar da humanidade, estendendo-se até nossos dias. A lógica que anima tal pensamento teológico não é exclusividade hebraica ou própria do pensamento bíblico, mas “lança suas raízes nas mais antigas iniciativas do ser humano de autocompreensão e de compreensão do mundo que o cerca e das suas angústias quanto a morte e o futuro” (OLIVEIRA, 2006, p. 14). O pensamento retributivo desenvolve-se, sobretudo, no Antigo Oriente, mas ganhará espaço, sendo teologizado em Israel, segundo uma fé em Yahweh. O tema da justiça divina sempre é um assunto difícil, pois a lógica humana é diferente da lógica divina. “Esperamos que Ele [Deus] recompense todos aqueles que fazem o bem e, conseqüentemente, castigue os que agem maldosamente” (DRESCH, 2005, p. 282). Assim, acabamos por pressupor “um equilíbrio retribucional, de que Deus é o supervisor e o fiador” (WOLDE, 2002, p. 7). Tal noção de uma recompensa divina exerceu forte influência no cotidiano do antigo Israel, determinando e condicionando a condita e a vivência diária deste povo.

Assim, a Teologia da Retribuição nasce como a crença de que Deus recompensa cada homem de acordo com sua conduta. As bênçãos são a prova de uma vida reta, seguindo as Leis, enquanto a pobreza é a materialização do castigo e da punição àqueles que vivem a infidelidade à Lei, fazendo-se pecadores. Dessa forma, a Teologia da Retribuição “postula que Deus recompensa neste mundo o bem com o bem e o mal com o mal. Deus é justo e não divide indiscriminadamente felicidade e infelicidade, mas abençoa o piedoso e pune o ímpio” (AZEVEDO, 1996, p. 11). Segundo este princípio de causa e efeito, “a medida que tudo fosse transcorrendo bem na minha vida, eu teria a certeza de estar no caminho certo, da justiça. [...] A causa da graça ou da desgraça na vida das pessoas depende de suas próprias ações” (DRESCH; HAHN, 2009, p. 11).

Uma vida boa e feliz seria resultado do trabalho e da obediência a Lei, a partir de uma estrutura que emanava do templo. “Daí que quem era rico e tinha vida confortável aparecia ao público como justo e abençoado por Deus. Doença e pobreza, ao contrário, vinculadas ao castigo determinado por Deus aos pecadores tornavam os pobres e doentes alvos de acusações, discriminação e marginalização” (DIETRICH, 1991, p. 33). Acabando por estabelecer um sistema de segregação e exclusão, a Teologia da Retribuição não conseguiu abarcar em sua teoria a realidade concreta dos indivíduos, contribuindo e estimulando ainda mais os imensos abismos sociais que separam ricos e pobres. Ainda hoje muito presente no imaginário e na mentalidade popular através do “aqui se faz, aqui se paga”, onde “Deus castiga” – ditos populares – a associação entre sofrimento e pecado estabelecida pela Teologia da Retribuição, apresenta a face de um Deus que busca a justiça, mas que ao mesmo tempo oprime seu povo.

A instrumentalização da Teologia da Retribuição produziu um rígido esquema, no qual ao condicionar a justiça divina, acabou por condicionar a relação Deus-homem, tornando não apenas o homem, mas o próprio Deus como refém desta lógica. Gestada no útero da sabedoria antiga, herdada da literatura egípcia e mesopotâmica, a doutrina da retribuição tornou-se dogma, jamais superado no Primeiro Testamento. Como já fora exposto, a codificação teológica da Lei possibilitou ao ser humano a organização de sua vida de acordo dos preceitos de Yahweh, num tempo onde “o temor do Senhor é o princípio do saber” (Pr 1,7a). Porém, pelo dogma retributivo Israel passou a explicar “[...] as vitórias e as derrotas, o bem-estar e as provações, as doenças e as necessidades, a fecundidade e a abundância de filhos, a felicidade, a saúde, as riquezas, as amizades, a honra e a glória<sup>3</sup>” (OLIVEIRA, 2006, p. 23).

---

<sup>3</sup> As informações podem ser evidenciadas através de algumas passagens, tais como: Pr 3,2s;10;16;23;26;4,10;10,22;11,8 etc.

A lógica da retribuição encontra-se em um plano individual, no qual cada homem, enquanto indivíduo único, é responsável por seu destino, sua salvação. “Os justos podem salvar a si mesmos. Cada qual, a todo momento, tem nas mãos o seu próprio destino, podendo comprometê-lo ou redirecioná-lo” (DRESCH, 2005, p. 283). Esta compreensão estava tão arraigada no imaginário de Israel que, frente a catástrofes, imediatamente surgia a pergunta quanto ao sujeito responsável, à quem se devia a culpa (cf. Jn 1). Ser retribuído, segundo tal lógica, significa receber a aprovação divina sob sua conduta moral de vida. “Este sistema de dominação tinha que ser sustentado por uma ideologia para manter o *status quo* e evitar as revoltas dos explorados e oprimidos. Os líderes do dogma da retribuição participavam do sistema, eram além de cúmplices, executores desta política de morte” (NEVES; ROSSI, 2011, p. 442). Todas as forças de organização social da vida estavam a serviço da manutenção e propagação da Teologia da Retribuição, alimentando esta lógica com o objetivo da manutenção do *status quo* vigente, onde uma minoria detém o controle sob a grande massa da população oprimida.

Logo, a situação que o povo judeu estava padecendo, no contexto em que o texto fora escrito, sobretudo o povo desprovido de poder econômico e político, seria um castigo de Deus para puni-los por sua transgressão. Dessa forma, “Deus governava a vida social, dando fartura e felicidade aos trabalhadores honestos e castigando, com sofrimento e pobreza, os injustos. Assim, Deus exercia seu senhorio e sua soberania. Assim Deus agia na história” (DIETRICH, 1991, p. 33). Porém, tal pensamento é, antes de tudo, diabólico, pois divide, exclui e mata. Que Deus é esse que acusa e castiga uns e fecha seu olhar para os pecados de outros? Jó sente-se oprimido, sufocado, sob o olhar vigilante de um Deus que não o deixa respirar em paz (cf. Jó 10,1-17). “Deus transformou-se em um carrasco (cf. Jó 30,21)” (DIETRICH, 1991, p. 34). Trata-se de um Deus que intimida e aterroriza, que não ouve as súplicas do seu povo (cf. Jó 19,7; 24,12), mas mostra-se autoritário e cruel (cf. Jó 13,13-16).

Ele [Deus] me agarra com violência pela roupa, segura-me pela orla da túnica, joga-me para dentro do lodo e confundo-me com o pó e a cinza. Clamo por ti e não me respondes; insisto sem que te importes comigo. Tu te tornaste meu verdugo e me atacas com teu braço musculoso. Levantas-me e me fazes cavalgar o vento e me sacodes com a tempestade. Bem vejo que me devolves à morte, ao lugar de encontro de todos os mortais (Jó 30,18-23).

“Que é o homem, para que faças caso dele, para que dele te ocupes, para que o inspeciones cada manhã e o examines a cada momento? [...] Se pequei, que mal te fiz com isso, sentinela dos homens? Por que me tomas por alvo?” (Jó 7,18.20). Jó questiona-se sobre tal imagem de Deus, rebelando-se contra as estruturas de dominação religiosa de seu tempo. Como

encontrar uma linguagem para falar de Deus a partir do sofrimento do inocente? Neste sistema, onde ficam a justiça e o direito? Os poderosos não precisam de ninguém para garantir seus direitos, mas sim os fracos e indefesos, o órfão, a viúva e o estrangeiro. Os fracos jamais recuperarão seus direitos se não houver quem os possa ajudar. O Deus apresentado pela Bíblia é aquele que se deu a revelar, aquele que aparece não como um ser, mas como uma interpelação, um imperativo de amor ao próximo, ao necessitado. “Pai dos pobres é precisamente a qualificação que corresponde a Deus” (GUTIÉRREZ, 1987, p. 78). “Pai dos órfãos, justiceiro das viúvas, tal é Deus em sua morada santa” (Sl 68,6).

#### **4 UMA FÉ AMADURECIDA: O NOVO HORIZONTE DA FÉ DE JÓ**

“No bojo do movimento sapiencial israelita, surgiram suspeitas quanto a validade da Teologia da Retribuição e quanto à constatação da relação causa e efeito como orientação para a vida” (OLIVEIRA, 2006, p. 24). As experiências vivenciadas no cotidiano, explicadas segundo a lógica da causa e do efeito, próprios do dogma retributivo não dão conta de abarcar a realidade e, conseqüentemente começam a ruir. Aos poucos surgem questionamentos, expressos sobretudo, no livro de Provérbios e, de modo amplo, no livro de Jó. “Pode o ser humano crer em Deus desinteressadamente, sem esperar recompensas nem temer castigos? [...] Existe alguém que, a partir do sofrimento injusto, seja capaz de afirmar sua fé em Deus e falar dele gratuitamente?” (GUTIÉRREZ, 1987, p. 23-24). Jó era um homem como qualquer outro, possuía bens para a subsistência sua e de sua família, alguém com integridade moral, um homem justo, inocente, que ganhava seu pão de cada dia com o suor de seu rosto. Todo o argumento presente no livro de Jó constitui um marco narrativo que apresenta Jó como um homem moralmente perfeito. Diante desta realidade, como explicar a miserabilidade humana na qual Jó caiu, segundo a lógica da Teologia da Retribuição?

Como já comentamos acima, o infortúnio e a desgraça constituem, segundo a lógica da Teologia da Retribuição, a forma de Deus exercer sua justiça contra os pecadores e os transviados. Primeiramente Jó perde suas propriedades e seus filhos, sua terra e sua descendência (cf. Jó 1,13-19). Ora, sabe-se que para o judeu as maiores riquezas desta vida são a terra e a descendência, promessas de bênção e futuro. Mesmo enfrentando tal realidade concreta, de tamanho sofrimento, Jó permanece fiel a Deus, sem praguejar ou blasfemar (cf. Jó 2,5). Desprovido de sua terra e descendência, Jó é provado mais uma vez, perdendo sua saúde, caindo na doença, ferido “com chagas malignas desde a planta dos pés até o cume da cabeça” (Jó 2,7). O que resta agora são apenas cinzas. “Jó é um pobre e um enfermo. À morte que



carrega em sua carne, soma-se uma morte social” (GUTIÉRREZ, 1987, p. 30). A doença tem assim um duplo caráter negativo, pois coloca o indivíduo em uma situação de debilidade física e simultaneamente obriga-o a uma vida a margem da sociedade. Se a pobreza e a enfermidade são sinais do castigo divino por faltas pessoais ou familiares, “Jó aparece, assim, diante de seus contemporâneos como um pecador” (GUTIÉRREZ, 1987, p. 31). Aquele que outrora gozava de riqueza e prestígio, agora aparece como um pecador impuro, ao qual não se deve manter contato, segundo a Lei do puro *versus* impuro - um contexto de isolamento e profunda solidão. “Se Jó chegou à tamanha ruína, tem que ter cometido algum erro muito grave. O único caminho que lhe resta é reconhecer que agiu erroneamente e buscar a retidão com Deus” (DRESCH; HAHN, 2009, p. 17).

Mesmo enfrentando tanto sofrimento, Jó permanece fiel a Deus, não cometendo pecado com os lábios (cf. Jó 2,10). A experiência do sofrimento é provocadora, contudo mesmo em meio ao lamento, Jó se questiona sobre a validade desta teologia que afirma-o como pecador, mas em nenhum momento pensa que Deus é causa de seu sofrer. Porém, não pode-se afirmar que Jó é um homem de paciência. “Jó trata do sofrimento, não como observador, mas como vítima. [...] Corajosamente Jó rompe com o medo de questionar abertamente o dogma da retribuição, que há tempos se impunha como única explicação para o sofrimento humano” (OLIVEIRA, 2006, p. 26) Antes de tudo, Jó é um rebelde que não aceita a injúria, a injustiça de ser chamado de pecador. “Fala como porta-voz de muitas vozes, abafadas por uma piedade construída no medo de ofender a Yahweh, na busca pelo verdadeiro sentido das vicissitudes que vivenciam” (OLIVEIRA, 2006, p. 26). Em sua carne são expressos fatos do cotidiano de inúmeras pessoas que foram excluídas e marginalizadas, perseguidas e humilhadas por esta lógica retributiva. “Em Jó o assunto gira ao redor da oposição entre uma religião que se fundamenta em direitos e deveres do ser humano a partir de seu comportamento moral, ou uma crença desinteressada que se baseia unicamente na gratuidade do amor de Deus” (GUTIÉRREZ, 1987, p. 46).

A medida que os discursos acontecem, a indignação e a revoltam tomam conta de Jó, porém, não abalam sua fé em Yahweh, mas o provocam a refletir e lutar contra esta imagem de Deus caracterizada por seus amigos. O pensamento expresso nas falas dos amigos de Jó apresenta uma teologia, a qual

[...] da religião um mercado, da humildade, uma apólice de seguro, e da moralidade, uma moeda que compra a paz da alma e a prosperidade [...]. Em profundidade, a sua crença não é fé [...] sua doutrina tradicional é um meio de manipular o sentido de sua honra [...] não defendem a Deus, mas a sua necessidade de segurança [...] arrogantes, acham que têm Deus na palma da mão – “As tendas dos tiranos gozam paz, e os que

provocam a Deus estão seguros; têm o punho por seu Deus” (12.6) (STORNIOLLO, 1992, p. 50).

A imagem de Deus apresentada pelos amigos de Jó assemelha-se muito mais com um ídolo<sup>4</sup> do que com a imagem de Yahweh, o Deus libertador. Não se trata de um Deus autônomo, que age livremente e ama incondicionalmente, um Deus que expresse preocupação com os seres humanos, mas antes um Deus que se deixa manipular pelos homens. “Nessa concepção da relação entre Deus e o homem, concepção comum a Jó e aos seus amigos consoladores, não há lugar para a realidade da graça” (TERRIEN *apud* OLIVEIRA, 2006, p. 34).

“Num contexto geral, o Jó rebelde faz parte de toda uma geração que não mais aceita como herança uma fé inquestionável. A resposta tradicional para a questão da dor e do sofrimento não ajuda Jó e seus contemporâneos a entender e explicar as suas experiências” (DRESCH; HAHN, 2009, p. 18). O sofrimento do injustiçado não se limita assim, a um caso individual. “Trata-se dos pobres deste mundo” (GUTIÉRREZ, 1987, p. 65). Jó é testemunho gemente que emerge de uma sociedade opressora, que clama e traz luzes, que descortinam um novo horizonte, uma nova possibilidade de futuro, uma nova percepção de Deus e de sua ação. “À luz da sua experiência e observação, [Jó] declara que o ensino tradicional é falso. A realidade não pode ser negada: muitos justos podem perecer e muitos ímpios podem prosperar” (OLIVEIRA, 2006, p. 26). O sofrimento enfrentado por Jó é necessário para a percepção de que uma nova realidade é possível. “Jó termina seu penoso caminhar pelo labirinto da marginalização social e da confusão pessoal com uma esperança que corresponderia a resposta de Deus” (VAAGE, 1995, p. 65).

Aos poucos Jó abandona um pensamento ético centrado nos merecimentos pessoais, amadurecendo sua reflexão, voltando-a para as necessidades do próximo, compreendendo o que o profeta Isaias apresenta ao falar de Deus: “Meus pensamentos não são vossos pensamentos, e vossos caminhos não são meus caminhos” (Is 55,8). Jó está convencido de que a interpelação de seus amigos – Elifaz, Bildade e Zofar – bem como a de Satanás constituem, na verdade, falácias (cf. Jó 21,34), as quais não correspondem à realidade da vida. Acaso Deus reserva o castigo a seus filhos? (cf. Jó 21,19). Aos poucos percebe-se que o abandono e a pobreza são resultados não do acaso, mas da mão humana.

Os ímpios mudam as fronteiras, roubam rebanho e pastor. Apoderam-se do jumento dos órfãos e tomam como penhor o boi da viúva. Empurram os indigentes para fora

---

<sup>4</sup> Os ídolos deles são prata e ouro, obra de mãos humanas: têm boca, mas não falam; têm olhos, mas não veem; têm ouvidos, mas não ouvem; têm nariz, mas não cheiram; têm mãos, mas não tocam; têm pés, mas não andam; não há um murmúrio em sua garganta (Sl 115, 5-7).

do caminho, e os pobres da terra se escondem todos. Como onagros do deserto, eles saem para o trabalho, procurando desde a aurora uma presa, e, de tarde, o pão para os seus filhos. Ceifam no campo do malvado e rebuscam a vinha do ímpio. Andam nus por falta de roupa, famintos carregam os feixes. Em pleno meio-dia ficam entre duas muretas; sedentos, pisam os lagares. Nus passam a noite, sem roupa e sem coberta contra o frio. Ensopados pelas chuvas das montanhas, sem abrigo comprimem-se contra o rochedo. O órfão é arrancado do seio materno e a criança do pobre é penhorada. Da cidade sobem os gemidos dos moribundos e, suspirando, os feridos pedem socorro e Deus não ouve a sua súplica. Existem também os rebeldes à luz, que não conhecem seus caminhos nem ficam em suas veredas. É noite quando o assassino se levanta para matar o pobre e o indigente. Durante a noite ronda o ladrão, 16aàs escuras arromba as casas (Jó 24,2-14).

“É a revolta de Jó contra a espiritualidade da sua época, que o revela como sujeito histórico. Luta pela transformação de sua sociedade. Sua consciência vem da compreensão da realidade em que vive” (DIETRICH, 1991, p. 39). É por sua contestação e indignação que luzes são lançadas aos fatos do dia-a-dia, resignificando-os. “Desfaz a cobertura cúmplice e interessada da ideologia que mistifica o dia-a-dia, legitimando o sofrimento dos explorados e justificando o acúmulo na mão dos exploradores” (DIETRICH, 1991, p. 39). Trata-se da compreensão e do reconhecimento de que os critérios racionais humanos não têm a capacidade de esgotar o sentido da ação de Deus neste mundo, incapaz de significar plenamente os desígnios de Deus, pois “toda suposta teologia que emoldura a ação de Deus na história da humanidade corre o risco de não passar de algo ilusório, palavra vã, em suma, de uma antiteologia” (DRESCH; HAHN, 2009, p. 19).

A Teologia Retributiva caracterizou Yahweh, segundo os moldes da lógica de causa e efeito, de forma rígida e autoritária. “Yahweh estava condicionado a somente reagir ao comportamento do homem, e não a agir livremente, por si mesmo como Deus” (OLIVEIRA, 2006, p. 28). Sua imagem foi delineada a fim de satisfazer os interesses de uma classe dominante, afirmando a causa ou a origem de sua riqueza e prosperidade decorrentes de Deus, e conseqüentemente inquestionáveis. Por outro lado, a realidade de miséria, pobreza e necessidade enfrentada pela grande massa do povo constituíam o castigo por seus pecados e conseqüentemente, como emanavam de Deus, não eram passíveis de serem questionados, mas sim aceitos com benevolência.

Porém, Yahweh não se deixa engendrar pela lógica humana de justiça. Enquanto os amigos de Jó tentam enquadrar Yahweh submetendo-o a racionalidade humana, privando-o de sua liberdade de ser Deus, Ele rompe com tais amarras. Sobressaindo-se até mesmo às indagações de Jó. Yahweh não responde a nenhuma pergunta. Ao falar, Yahweh expressa-se irritado: “Vocês não falaram corretamente de mim como falou meu servo Jó” (Jó 42,7-8). “Deus se manifesta do lado dos fracos e age em favor destes” (cf. DIETRICH, 1991, p. 42). Mesmo

que o dogma da retribuição apresente sua teoria, a realidade histórica desmente qualquer pensamento autoritário que tente aprisionar Deus.

“Pai de órfãos e defensor de viúvas é Deus em sua santa morada” (Sl 68,2). O sofrimento fez com que Jó se abrisse para uma outra realidade, enfrentada corriqueiramente por muitos. “Jó havia implorado justiça sem ser escutado, e em troca soube ouvir os pobres” (GUTIÉRREZ, 1987, p. 78). O questionamento de Jó é lícito, válido e atual. “Se deneguei seu direito ao escravo ou à escrava, quando pleiteavam comigo, que farei quando Deus se levantar, que lhe responderei quando me interrogar? Quem me fez a mim no ventre não o fez também a ele? Quem nos formou a ambos não é um só?” (Jó 31, 13-15). “O que Jó está buscando: um mundo onde ninguém morra antes do tempo, onde ninguém seja vítima de um destino feito por mão alheia” (VAAGE, 1995, p. 67). Os pobres não são pessoas castigadas por Deus, mas sim amigos de Deus, por isso, “quem se compadece do necessitado empresta ao Senhor” (Pr 19,17), já “aquele que oprime o fraco afronta o Criador” (Pr 14,31). Daí a irritação de Yahweh.

Jó não foi um idólatra, tão pouco infiel. “Nu saí do ventre de minha mãe e nu voltarei para lá. Yahweh o deu, Yahweh o tirou, bendito seja o nome de Yahweh” (Jó 1,21). Segundo Gutiérrez, “Jó expressou um profundo sentido de gratuidade<sup>5</sup> do amor de Deus. Tudo vem Dele e tudo é dado gratuitamente por Ele” (1987, p. 94). Com humildade Jó aceita fazer a vontade de Deus, mas não compactua com um pensamento de morte-viva, na qual padece Israel (cf. VAAGE, 1995, p. 70). Como afirma São Paulo, recordando a bela oração de Davi: “Tudo é teu e te oferecemos o que tua mão nos deu. Diante de ti somos emigrantes e estrangeiros, como nossos pais” (1Cr 29,15). Da boca de Yahweh Jó escutou palavras que o abriram à outra percepção de mundo, segundo uma ordem diferente daquela imposta pelo dogma da retribuição, uma nova compreensão de vida, “como algo muito mais amplo, mas isto ficava simplesmente fora da discussão anterior entre Jó e seus amigos sobre a justiça de Deus” (VAAGE, 1995, p. 76). Jó reconhece-se como criatura diante de seu Criador, como criança ante seu pai. “Sua queixa e seu protesto jamais foram maiores que sua esperança e sua confiança” (GUTIÉRREZ, 1987, p. 78), e agora Jó pode dizer como o salmista: “Verei teu rosto, ao despertar me saciarei com teu semblante” (Sl 17,15).

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

---

<sup>5</sup> A fé expressa de forma gratuita atravessa o tempo e a história, manifestando-se sobretudo na vida das pessoas mais simples, humildes e desapegadas. “Quantas vezes, diante da perda de um ente querido, ouvimos a gente simples expressar como Jó: Deus o deu, Deus o levou. [...] A fé popular denota um grande sentimento de soberania de Deus, ela vive profundamente [...] a convicção de que tudo pertence ao Senhor, tudo vem Dele” (GUTIÉRREZ, 1987, p. 94).

O sofrimento não é algo agradável aos olhos de Deus. Inauguramos nossa reflexão, no início deste artigo conceituando de forma simples e objetiva o que é teologia. Discorremos o referido artigo retomando o contexto histórico no qual o texto foi redigido, apontando o processo de introdução do pensamento teológico retributivo na história da fé de Israel e como este influenciou de tamanha forma a vida do povo israelita a tal ponto que chegou até nossos dias. Refletimos sobre o sofrimento do inocente ante a sentença de culpa por um erro do qual não é responsável, evidenciando que certos chavões presentes até hoje no imaginário popular, na forma de pensar do povo, tratam-se de uma construção equivocada, obsoleta.

A partir da experiência concreta da vida do povo a reflexão teológica surge para resignificar a relação entre o ser humano e Deus, entre a ação humana e ação divina. A Teologia da Retribuição surgiu na história de Israel com a finalidade de responder aos anseios de um determinado contexto, para um grupo de pessoas. Porém, tomada como dogma, passou a constituir-se como um instrumento de opressão, não apenas contra o povo, retratado no presente artigo na figura de Jó, mas contra o próprio Deus, em seu direito e liberdade. Muitas práticas teológicas, espirituais e pastorais acabam por estabelecer um abismo entre o ser humano e Deus, não contribuindo para a edificação de uma espiritualidade consciente e ativa, que relacione diretamente a fé e a vida. Corre-se um grande risco com pensamentos que fecham-se em si mesmos, assumindo para si a posição de portadores de uma verdade eterna e incontestável. Assim, como a Teologia da Retribuição, pensamentos absolutistas que se bastam a si mesmos tornam-se um empecilho, um obstáculo para o encontro com o próprio Deus.

Uma corrente teológica muito presente na atualidade, podendo ser considerada herdeira da Teologia da Retribuição seria a Teologia da Prosperidade. Deus concede a riqueza à uns e a pobreza a outros. Os ricos são prósperos porque são justos e os pobres são miseráveis porque são pecadores. Novamente retorna o pensamento retributivo de que aquele que não prospera vive em pecado. Retorna-se à uma compreensão de um “deus interesseiro”, que parece agir condicionado pela lógica e ação humana. Todavia, Deus é muito maior e mais complexo do que nossas capacidades cognitivas de compreensão. “Ele faz nascer o seu sol igualmente sobre maus e bons, e cair a chuva sobre justos e injustos” (Mt 5,45). Deus não quer ser conhecido como retribuidor, mas como gratuidade. Assim, cremos que sua força, sua grandeza e seu poder vem de sua liberdade e de seu amor.

## REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Walmor Oliveira de. O homem e a existência na literatura sapiencial. **Estudos Bíblicos**. Petrópolis, RJ: Vozes; São Leopoldo, RS: Sinodal, n. 48, p. 19 – 24, 1996.

BÍBLIA DE JERUSALÉM – Antigo e Novo Testamento. São Paulo: Paulus, 2002.

DIETRICH, Luiz José. Jó: uma espiritualidade para sujeitos históricos. **Estudos Bíblicos**. Petrópolis, RJ: Vozes; São Leopoldo, RS: Sinodal, n. 30, p. 32 - 43, 1991.

DRESCH, Óberson Isac. **A Teologia Retributiva no livro de Jó e em Comunidades Cristãs-Católicas**. Congresso estadual de teologia, 2. 2015, São Leopoldo. Anais do Congresso Estadual de Teologia. São Leopoldo: EST, v. 2, 2016. p. 281-295. Disponível em: <anais.est.edu.br/index.php/teologiars/article/view/550> Acessado em: 28 mai. 2018.

DRESCH, Óberson Isac; HAHN, Noli Bernardo. Jó e o lado satânico da Teologia da Retribuição. **Missioneira**, Santo Ângelo, n. 55/56, ago./nov. 2009. p. 8-22.

GUTIÉRREZ, Gustavo. **Falar de Deus a partir do sofrimento do inocente**. Uma reflexão sobre o livro de Jó. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987.

NEVES, Natalino das; ROSSI, Luiz Alexandre S. **A mulher de Jó sob a perspectiva da teologia feminista**: uma análise comparativa entre a interpretação histórico-crítica e a interpretação das Igrejas Assembleia de Deus. PERETTI, Clélia (Org.). Congresso de teologia da PUCPR, 10, 2011, Curitiba. Anais eletrônicos. Curitiba: Champagnat, 2011. Disponível em: <www2.pucpr.br/reol/index.php/10CT?dd1=5635&dd99=pdf> Acessado em: 28 mai. 2018.

OLIVEIRA, Marcelo Rodrigues de. Retribuição e Prosperidade: Gênese, Percurso Histórico e confronto com a Teologia Da Graça. 2006. Dissertação (Mestrado em Teologia) - Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE), Belo Horizonte, 2016, p. 1-42. Disponível em: <faculdadejesuita.edu.br/documentos/031111-marcelo\_rodrigues.doc> Acessado em: 30 mai. 2018.

STORNILO, Ivo. **Como ler o livro de Jó**. O desafio da verdadeira religião. São Paulo: Paulinas, 1991.

VAAGE, Leif E. Do meio da tempestade: a resposta de Deus a Jó – Sabedoria bíblica, ecologia moderna, vida marginal. Uma leitura de Jó 38,1 – 42,6. **RIBLA**, Petrópolis, RJ: Vozes, n. 21, p. 63 – 77, 1995.

WOLDE, Ellen Van. Perspectivas diferentes sobre fé e justiça. O Deus de Jacó e o Deus de Jó. **Concilium**, Petrópolis, RJ: Vozes, n. 307, p. 17 – 24, 2002.